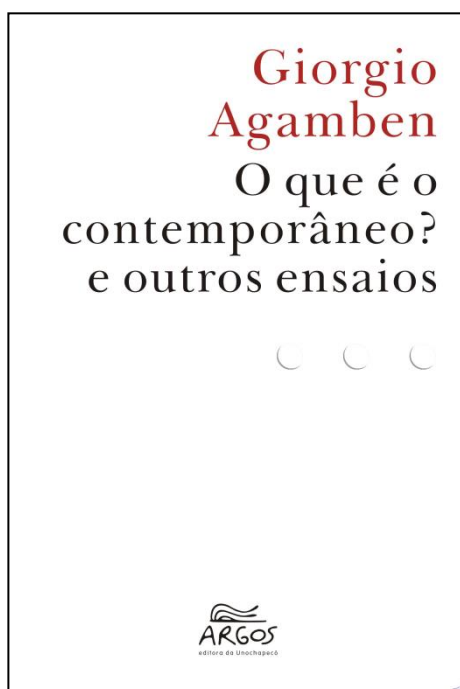


RESENHA

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó-SC: Argos, 2009.

Leonardo Mendes Bezerra

Doutorando em Educação pela Universidade de Sorocaba – UNISO. Professor Assistente na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA/Campus Balsas.
lydimio@live.com / <http://orcid.org/0000-0002-9781-0047>



Giorgio Agamben, graduado em Direito, é um filósofo italiano que tem construído ao longo da sua carreira, um pensamento significativo nas ações e nos desafios inerentes às ações políticas na contemporaneidade. A obra “O que é o contemporâneo? e outros ensaios” foi organizada e apresentada nos seguintes capítulos: 1. O que é um dispositivo? 2. O que é o contemporâneo? 3. O amigo. A escrita do autor é esclarecedora e de fácil compreensão, e nos capítulos, de um modo ou de outro, encontra-se uma compreensão ampliada das fronteiras do pensar e de brada por uma filosofia atentada às diversas relações de poder.

No primeiro capítulo “O que é um dispositivo”, o autor parte reflexivamente das ideias do filósofo Michael Foucault. As ações dos sujeitos são direcionadas e controladas por mecanismos políticos que visa à gestão da nação. Mas o que é um dispositivo? Para entender esse termo, o autor faz uma longa pesquisa até a elaboração de um novo significado.

Agamben resume o entendimento sobre o dispositivo em três pontos: 1. Dispositivo é conjunto heterogêneo, linguístico e não linguístico que engloba leis, padrões, proposições filosóficas entre outras; 2. Dispositivo tem sempre a vitalidade nas funções estratégicas concretas e se relaciona com o poder; 3. É resultado das relações entre poder e saber.

De acordo com os dicionários franceses, o dispositivo possui três significados: 1 - jurídico estrito: parte de um juízo apartado da motivação; 2 - tecnológico: mecanismo; 3 - militar: conjunto de meios planejados.

Na visão teológica, a *Oikonomia* (administração da casa ou administração doméstica) é equivalente ao dispositivo, por ser um conjunto de práxis, de saberes e de medidas, de instruções que tem o intento de orientar, controlar, gerir e governar. Assim, o termo dispositivo teve influência do termo *Oikonomia*.

No livro de Foucault, *Arqueologia do Saber*, Agamben destaca o termo positividade, que foi cunhado pelo jovem Hegel, como elemento histórico que gera obstáculos à liberdade humana. Foucault esclarece que positividade equivale ao dispositivo por conter uma dinamicidade entre os elementos históricos e os indivíduos vivos, entendendo o termo, assim, como o conjunto dos processos, das instituições, subjetividades e das regras que consolidam as relações de poder.

Agamben define dispositivo como “[...] qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres vivos” (p. 40). O termo dispositivo alinha aquilo em que, e através do qual, se realiza as atividades governamentais sem considerar o ser. Para tanto, os dispositivos devem aludir à produção do seu sujeito. O autor chama de sujeito àquele que é resultante das relações entre seres vivos (substâncias) e os dispositivos. Nesta perspectiva, “[...] um mesmo indivíduo pode ser o lugar dos múltiplos processos de subjetivação: o usuário de telefone celular, o escritor de contos, o navegador na internet etc.” (p. 41).

Na atualidade não existe um só momento em que o sujeito não seja modelado/controlado por algum dispositivo – que tem suas bases enraizadas no desejo excessivamente humano de felicidade. A promessa do dispositivo em orientar, modelar e controlar as pessoas é, de certa forma, alienante/alienada de se oferecer e de submergir no Ser sem ao menos ter procurado os seus alicerces, ou seja, a ação de entrega da autonomia do Ser se aliena perante o dispositivo em nome da felicidade. Como forma de triagem deste modo de viver, alienada pelo dispositivo, faz-se necessário profanar os dispositivos em que a vida deixa de ser apontada pelo modo como o dispositivo a impõe e passa a assumir.

O capítulo “O que é o contemporâneo” retoma aquele da lição do curso de Filosofia Teórica na Faculdade de Arte e Design do *Istituto Universitario de Architettura di Venezia* (IUAV), nos anos de 2006-2007. O escopo do autor foi o de explicar aos discentes sobre suas capacidades de ser fazer contemporâneo. Iniciam-se com as seguintes questões norteadoras: 1. De quem e do que as pessoas são contemporâneas? 2. O que significa ser

contemporâneo? O que se encontrou no ensaio é a apreensão mais ampliada do conceito de contemporaneidade.

Para Nietzsche existe uma intempestividade do contemporâneo que exige da atualidade, por pertencer genuinamente ao seu tempo. Assim, a contemporaneidade é um ímpar arrolamento com o próprio tempo. Existe a necessidade de entender o próprio e que não esteja adequado à própria época. Nesse processo dissociativo fica subentendido que os seres humanos não podem evadir-se do seu próprio tempo para compreender o contemporâneo. Por meio desta premissa, afirma-se a existência da dissociação e anacronismo, pois aquelas pessoas que “[...] coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela” (p. 59).

Além do mais, Agamben faz uma relação do poeta com seu tempo. Ao citar Osip Mandelstam com a sua poesia “O Século” percebeu-se que as estrofes apresentam a forma como o poeta captou sutilmente as comparações visuais que se encontrava no seu próprio tempo. A figura do poeta, “enquanto contemporâneo, é essa fratura, é aquilo que impede o tempo de compor-se e, ao mesmo tempo, o sangue que deve suturar a quebra” (p. 61). O poeta contemporâneo deve manter-se vislumbrado no seu tempo.

Inaugura, assim, outra definição de contemporaneidade: “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (p. 62). Também, posteriormente, que o sujeito contemporâneo é aquele que não se deixa perder a visão pelas luzes do século e consegue enxergar a obscuridade.

O autor informa que ser contemporâneo é ter as sombras das trevas refletidas no rosto que advém do seu tempo. Para tanto, utilizam-se as teorias da neurociência, em que o escuro não se resume apenas à ausência de luz. Os contemporâneos são raros, por ser uma questão de coragem, por não se manter apenas olhando para o escuro da sua época. Percebe-se o intento do autor em esclarecer que, para entender a contemporaneidade, o contemporâneo deve vislumbrar além das informações que estão explícitas.

Também utilizou-se dos saberes da astrofísica para compreender o contemporâneo ao apontar que a escuridão celeste apenas existe em razão dos movimentos galácticos, pois, a escuridão que se observa no céu pode ser analisada em decorrência do distanciamento das galáxias a uma velocidade rápida e intensa que a luz não consegue nos impetrar.

Com isso, é possível compreender, voltando ao eixo central deste capítulo, que ser contemporâneo é conseguir perceber este escuro, bem como visualizar a luz que é direcionada e que se distancia a partir desta escuridão. O autor também esclarece que a

contemporaneidade não poder ser apenas associada ao tempo cronológico, e sim, algo que emerge deste tempo, que o transforma.

Para mais, o exemplo de contemporaneidade por meio da moda destaca a descontinuidade, a divisão entre o atual (período presente) e não atual (passado), algo que firmemente se modifica no decorrer do tempo e é fortemente marcada e evidenciada pelo período cronológico. Assim, completa: “mas a temporalidade da moda tem um outro caráter que aparente à contemporaneidade” (p. 68).

A afirmação de Agamben é que o contemporâneo é um encontro intergeracional, pois o presente não é aquilo que faz parte do não-vivido; o presente não é outra coisa senão a parte do não-vivido. Este não-vivido é entendido como contemporâneo. Isto significa que o contemporâneo percebe as trevas do presente e nela absorve a luz, “é como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse facho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora” (p. 72). Além disso, o contemporâneo é aquele que se insere e transforma o tempo, de modo lúdico.

No terceiro capítulo, Agamben discute sobre “O amigo”. Inicia sua explanação apresentando uma discussão, não muito inédita, porém explicativa àqueles que desconhecem os fundamentos da origem da filosofia, que é a relação entre a amizade e a filosofia. Inicialmente o autor envia correspondência endereçada ao amigo Jean-Luc Nancy para analisar a temática e poder amadurecer seu pensamento. Porém, esse projeto não obteve êxito.

O autor utilizou-se de um conjunto de diversas teorias sobre a amizade para o esclarecimento do termo, passou pelos difíceis caminhos das teorias filosóficas, enveredou-se pelos saberes da arte e da linguística, e acabou destacando o pensamento filosófico em seu ensaio. Posteriormente, no percurso da tradição aristotélica que Agamben destaca o pensamento filosófico de que, quem tem muitos amigos, na realização não tem nenhum. Isso fundamentou o supramundo do pensamento de Jacques Derrida: “ó, amigos, não tem amigos”.

É apontada pelo autor a figura de Pedro e Paulo, apóstolos, como representação de amizade, expressas no quadro de Giovanni Serodini, que se encontra na Galeria Nacional de Arte Antiga, em Roma. Também destaca que uma amizade não pode ser entendida como uma propriedade ou uma qualidade da pessoa, pois “reconhecer alguém como amigo significa não poder reconhecê-lo como ‘algo’”. Não se pode dizer ‘amigo’ como se diz ‘branco’, ‘italiano’ ou ‘quente’ (p. 85).

Em seguida, Agamben referencia Aristóteles em cinco pontos principais. 1. O ser puro (existe um sentir da existência enquanto oposta à essência); 2. A sensação de existência (esta sensação do ato de existir é, em si mesma, doce); 3. Equivalência entre ser e viver (os seres humanos têm apenas a experiência por meio do viver, ser é viver, para as pessoas viventes); 4. O estatuto ontológico e político da amizade (na própria sensação de existir há uma forma de con-sentir a existência do amigo, que tem uma condição con-dividida e os amigos são as duas faces dessa con-divisão); 5. O amigo como *alter ego* ou *heteros autos* (o amigo não é um ulterior eu, e sim distinto que está inseparavelmente contido na natureza que se mantém sem alterações, que é atravessada por um con-sentir que desloca e exila até o amigo).

Por derradeiro, percebe-se que o autor destaca a condição ontológica aristotélica em que o “amigo” não pode ser compreendido como um predicado real, e sim existencial, por pertencer à própria sensação do ser, e não apenas a uma categoria. Além de expor e defender que a amizade é um compartilhamento que existe anteriormente a toda e qualquer divisão, pois o que há para ser dividido é a vida, os momentos. E, essa partilha sem objeto é o con-sentir, é aquilo que constitui/organiza a política. Agamben finaliza destacando que a sinestesia política nativa se modificou ao longo do tempo, “no consenso ao qual hoje as democracias entregam as suas sortes, na última, extrema e exausta fase da sua evolução, é, como se diz, outra história, sobre a qual deixo vocês refletirem” (p. 92).

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinicius Nicastro Honesco. Chapecó-SC: Argos, 2009.

Recebido para avaliação em 12/05/2019

Aceito para publicação em 28/07/2019